



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DECISO
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Crítica do Otimismo em Walter Benjamin – Uma
contribuição da Teoria Crítica à Sociologia das Emoções**

LUCAS PEIXOTO TORRES COSTA

RECIFE, 7 DE MARÇO DE 2024

LUCAS PEIXOTO TORRES COSTA

CRÍTICA DO OTIMISMO EM WALTER BENJAMIN:

Uma contribuição da Teoria Crítica à Sociologia das Emoções

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno **Lucas Peixoto Torres Costa** ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof Dr. Marcos André de Barros

Recife

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P379c Peixoto, Lucas Peixoto Torres Costa
Crítica do Otimismo em Walter Benjamin: Uma contribuição da Teoria Crítica à Sociologia das Emoções
/ Lucas Peixoto Torres Costa Peixoto. - 2024.
40 f.

Orientador: Marcos Andre de Barros.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2024.

1. Walter Benjamin. 2. Teoria Crítica. 3. Sociologia. I. Barros, Marcos Andre de, orient. II. Título

CDD 300

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS PEIXOTO TORRES COSTA

**CRÍTICA DO OTIMISMO EM WALTER BENJAMIN: UMA
CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA CRÍTICA À SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES**

Data da Defesa: 07/03/24

Horário: 13 horas

Local: Sala 20, primeiro andar do CEGOE - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos André Barros

Prof. Dr. João Morais de Sousa

Prof.^a Dra. Alessandra Uchôa Sisnando

Resultado: () Aprovado

SUMÁRIO

1.	RESUMO	04
2.	INTRODUÇÃO	05
3.	O QUE É SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES	06
4.	OTIMISMO COMO EMOÇÃO	11
5.	OTIMISMO COMO FENÔMENO SOCIOLÓGICO.....	13
6.	WALTER BENJAMIN, A TEORIA CRÍTICA E A SOCIOLOGIA....	18
7.	OTIMISMO SEM CONSCIÊNCIA E SUA CRÍTICA	21
8.	A TAREFA REVOLUCIONÁRIA: ORGANIZAR O PESSIMISMO...	36
9.	CONCLUSÃO: Por uma Contribuição de Walter Benjamin para uma Sociologia das Emoções	38
10.	BIBLIOGRAFIA	39

Resumo

Este trabalho busca, de maneira geral, apresentar a crítica que Walter Benjamin realiza da emoção Otimismo como uma contribuição da Teoria Crítica à Sociologia das Emoções, tendo que para tanto apresentar o campo da sociologia das emoções e enquadrar o Otimismo como emoção e como fenômeno sociológico.

Introdução

A proposta deste trabalho é, através da pesquisa bibliográfica, situar o estudo das emoções e sua importância pela sociologia, para em seguida analisar o otimismo como emoção, seu efeito histórico na sociedade moderna, e por fim apresentar a crítica ao otimismo ideológico pela teoria de Walter Benjamin, atestando o apelo emocional presente em ideologias que condicionam a ação dos indivíduos na sociedade, e com isso demonstrar a contribuição da teoria crítica à sociologia das emoções.

O estudo moderno das emoções tem sua trajetória observada começando pela biologia, psicanálise, sociologia clássica até tornar-se a área de conhecimento atual. Essa reconstrução e observação serão utilizadas para destacar elementos conceituais em comum com o trabalho de Walter Benjamin.

Já o otimismo enquanto emoção e paradigma ideológico é observado tal como um fenômeno sociológico, cujo ponto de partida é identificado no Iluminismo, e propagado durante toda a modernidade, até os dias de hoje. A crítica benjaminiana ao conceito de otimismo ingênuo ou sem consciência, entretanto, é analisada e constatada como uma contribuição original da Teoria Crítica à Sociologia das Emoções.

De Walter Benjamin, para a análise do conceito de otimismo, estarão em destaque na análise as famosas '*Teses Sobre o Conceito de História*'. Também estarão presentes em nossa abordagem comentaristas que se dedicaram especialmente ao conteúdo sociológico dos escritos de Walter Benjamin que são Sérgio Paulo Rouanet e Michel Löwy. Estes esforços estão marcados por uma metodologia de pesquisa bibliográfica e distribuí-se pelos capítulos deste trabalho monográfico em seis partes dedicadas ao esclarecimento daquilo que é a Sociologia das Emoções, ao enquadramento do otimismo como emoção e como fenômeno sociológico, a situar Benjamin como representante da teoria crítica e sua relação com a sociologia, a apresentar a análise crítica de Benjamin do otimismo e sua resposta dialética que é a organização do pessimismo revolucionário.

Capítulo I

O que é a Sociologia das Emoções?

Tradicionalmente, os sociólogos buscam compreender a modernidade através de três explorações históricas: o surgimento do capitalismo, das instituições democráticas e do conceito de individualismo (KOURY. 2009). Mas a transformação do papel dos sentimentos também é um fenômeno histórico da modernidade, que acabou por ser negligenciado ou não teve a devida importância central na sociologia clássica.

Antes de mais nada recorrendo a um possível conceito de ciência das emoções, encontramos a “Emoção” definida no dicionário Oxford como uma reação a um estímulo ambiental e cognitivo que produz tanto experiências subjetivas, quanto alterações neurobiológicas significativas. Está associada ao temperamento, personalidade e motivações tanto reais quanto subjetivas (EMOÇÃO. Dicionário Oxford, 2023).

O estudo científico das emoções começou pela biologia, em especial com a obra de Charles Darwin com a obra *“A Expressão das emoções no homem e nos animais”*, onde são destacadas as expressões físicas de prazer, dor, medo, surpresa, entre outras. As emoções são dadas pela natureza, e se associam de forma universal a aspectos fisiológicos do corpo, segundo a obra citada.

Posteriormente, com o advento da psicologia, tem-se como objeto de estudo o efeito racional sobre as emoções, isto é, pensamentos que geram emoções, sendo adicionado o elemento subjetivo da emoção. Mas o mais importante até então foi a tese de que não há supremacia da razão sob os afetos (ao menos sem grandes custos vitais) isso é facilmente constatado por doenças psicossomáticas: emoções podem liberar hormônios, como adrenalina e cortisol, geram um desequilíbrio bioquímico e, inicialmente, uma alteração funcional, mesmo sem presença de maior dano físico.

O estudo das emoções, no entanto, não poderia se encerrar na biologia e psicologia. É necessário o debate entre as ciências biológicas e da saúde com as ciências sociais/humanas a respeito do tema. Isso porque as emoções não se tratam apenas de uma questão pessoal ou meramente biológica. Os costumes, os ambientes privados e públicos são estruturantes para a condição emocional dos indivíduos.

Sigmund Freud, embora não fosse sociólogo, trabalhou o efeito da civilização na mente do indivíduo moderno. No livro 'O mal estar na civilização' é abordado não só o mapeamento da psique, o funcionamento do 'Eu' e do inconsciente (Id), mas também as circunstâncias específicas de uma civilização cada vez mais rígida em controle dos instintos, exigências da higiene, apelo moral ao que ele chamou de 'Superego'.

"Boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas". (FREUD. 2011. p 31).

Apesar da crítica cultural, Freud se mostra ciente de que o ser humano não é um animal dócil e amoroso, a contenção dos instintos torna a vida infeliz, mas também é necessária.

"O quê de realidade por trás disso que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor,[...] mas sim que ele deve incluir, [...] também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. Omo homini lupus [O homem é lobo do homem]". (FREUD, 2011, p 57).

O grande desafio e a grande esperança segundo o psicanalista é buscar o equilíbrio (se é que é possível) entre as exigências do avanço civilizacional e a vitalidade do animal humano. Pois apesar da contenção necessária, era notório para ele o grau de infelicidade na sociedade, a despeito da fantástica evolução tecnológica.

"Nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, consolidando o domínio sobre a natureza de um modo antes inimaginável. [...] Mas aqui se ergue a voz da crítica pessimista, lembrando que [...] não havendo estradas de ferro para vencer as distâncias, o filho jamais deixaria a cidade natal, não seria necessário o telefone para ouvir-lhe a voz. [...] De que nos serve a diminuição da mortalidade infantil, se justamente ela nos força a conter enormemente a procriação, [...] e, enfim, de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores que só poderemos saudar a morte como uma redenção?". (FREUD, 2011, p 32-33)

Freud também se mantém pessimista e crítico em relação à evolução da sociedade humana. Sua preocupação é semelhante à de Nietzsche, a respeito da tensão do peso

da sociedade suprimindo os instintos vitais do indivíduo, acarretando na ‘involução’ do ser humano.

Timidamente, a sociologia também passou a abordar as emoções, e assim surgem as primeiras referências a um campo do conhecimento que posteriormente será denominado de Sociologia das Emoções. Durkheim analisou o suicídio como resultado direto de processos sociais de solidariedade e anomia. Marx associava sentimentos à relações de produção, isto é, os sentimentos variam de acordo com as classes sociais. Para Weber, a evolução das éticas religiosas moldou certos costumes que por sua vez orientam o sentido e a maneira de expressar as emoções dos indivíduos. (SILVEIRA, 2009, p.18-27).

Por mais que a sociologia clássica tenha abordado as emoções, estas nunca haviam sido o tema central dela, a emoção nunca havia sido compreendida como um assunto autônomo, capaz de auxiliar a compreensão de questões sociais.

“Debates travados sobre perguntas como ‘o que é emoção’? Como estudá-la? Emoção é um fenômeno sociológico? As emoções são socioculturais ou biologicamente determinadas? Ou ainda, as emoções são inatas e universais ou são culturalmente específicas? Qual a influência do social sobre a forma de sentir e de expressar as emoções? Estão longe de se encerrarem, por isso a atualidade dessa área especializada da sociologia”. (TORRES.2014. sociologiadasesmocoas.blogspot.com/p/filmes.html).

Foi a partir dos anos 90 que foi constituída a Sociologia das Emoções, como fruto de um processo iniciado nos Estados Unidos quase duas décadas antes por herdeiros de duas escolas sociológicas distintas: a Funcionalista e a Interacionista Simbólica.

O funcionalismo é uma perspectiva teórica na sociologia, assim como na antropologia, que enfatiza a importância das instituições sociais e das práticas culturais para manter a estabilidade e coesão da sociedade. Os funcionalistas veem as emoções desempenhando papéis importantes na regulação do comportamento social e na manutenção da ordem social. Há um paralelo entre ciências biológicas e sociais dentro do funcionalismo: a sociedade é interpretada como um grande organismo, e os membros desempenham trabalho similar aos órgãos de um corpo, sendo sujeitos inclusive a juízos de valores como funcionais e disfuncionais de forma universal.

Dentro desse contexto, a sociologia das emoções funcionalista investiga como as emoções funcionam para cumprir certas funções ou propósitos dentro da sociedade. Alguns dos principais pontos de interesse incluem: integração social, isto é facilitando comunicação e cooperação entre membros da sociedade, regulamentação do comportamento e manutenção da ordem social.

Já o interacionismo simbólico remete à construção por meio da interação entre duas ou mais pessoas e, portanto, o simbolismo não é resultado de interação do sujeito consigo ou mesmo de sua interação com um simples objeto. Apesar de ser um sentido individual e uma base para todos e quaisquer sentidos que cada um dá às suas próprias ações, ela é fundada nas interações do indivíduo, ou naquilo que o "eu" faz sendo regulado pelo que "nós" construímos socialmente.

Há uma oposição entre a escola funcionalista e teóricos intitulados socioculturalistas, ou construtivistas das emoções, como Arlie Hochschild e Steven Gordon dentre muitos outros, que partem do pressuposto de que as emoções variam de acordo com a sociedade e a cultura em que o indivíduo está inserido. Ambos são críticos vivazes do universalismo. Apesar de não negarem o fato de o biológico e o fisiológico terem atuação na manifestação das emoções, criticam o fato de atribuir-se a essas duas concepções - biológica e o fisiológica - toda atenção, numa afirmação convicta de que são suficientes para se esclarecer todas as questões da esfera emocional. (BERNARDO. 2016. p,156-173)

Nessa breve exposição, já fica evidente como essas duas correntes são bastante diferentes na abordagem do objeto de estudo - emoção -, sendo este a única coisa que possuem em comum. O funcionalismo tem o aspecto positivista das ciências biológicas em sua abordagem universalista, já o interacionismo é focado nos aspectos dos sujeitos relacionados com a cultura, na qual as emoções são uma construção social, isto é; elas

são aprendidas e mediadas pela relação com o outro no meio em que o indivíduo se encontra.

Seguindo essa abordagem interacionista, Eva Illouz observou como o fenômeno do neoliberalismo substituiu o sujeito racional calculista pelo indivíduo consumidor completamente movido por pulsões emocionais, cujo sentimento de incompletude tem sido o alvo visado pelo mercado por meio da lógica estabelecida entre cognição-afeto-corpo. Como comenta Garinalli Gaiad, para Eva: “são as emoções as responsáveis por explicar como, por um lado, o consumo está ancorado nos processos de cognição e cultura”. (GAIAD. 2019. p, 28).

Ainda em se tratando de neoliberalismo, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han observa que a neurose observada por Freud, típica de uma sociedade disciplinar repressora, deu lugar à depressão e ao esgotamento do indivíduo (síndrome de burnout) típica de uma sociedade de desempenho. Isso porque o mundo do trabalho e das relações, ao invés de coercitivo, se tornou narcisicamente obcecado por performance.

“Uma sociedade de academias fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. [...] Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos”. (HAN., 2015. p 23).

Foi percebido que estímulos positivos tornam o indivíduo mais produtivo, de forma mais eficiente do que a velha disciplina exercida por uma autoridade externa. Assim, a sociedade neoliberal é repleta de positividade, cuja maior força moral, são os constantes “reforços de otimismo” direcionados ao indivíduo.

Capítulo II

O Otimismo como Emoção.

O otimismo é uma atitude mental caracterizada pela crença de que eventos e situações terão um desfecho positivo. É a expectativa de que coisas boas acontecerão no futuro, independentemente das circunstâncias presentes. O otimismo está relacionado à esperança, confiança e uma visão mais positiva da vida.

Existe ampla literatura de revistas médicas e artigos de saúde apontando o efeito do otimismo, a maneira como afeta a saúde mental e até mesmo fisiológica do indivíduo. Segundo Eric Kim, cientista social da Universidade de Harvard:

“foi demonstrado em vários estudos que o otimismo está associado a um perfil lipídico mais saudável, níveis mais baixos de marcadores inflamatórios, níveis mais altos de antioxidantes séricos e melhor capacidade de resposta imune”. (KIM, 2020)

Na tentativa de explicar como o pensamento positivo pode beneficiar a saúde do coração, três teorias parecem mais plausíveis. A primeira delas é que o otimismo impacta diretamente na maneira como o corpo funciona. Uma segunda explicação é que o otimismo está relacionado a comportamentos saudáveis, como comer bem e permanecer ativo, o que, por sua vez, melhora a saúde. Ou, ainda, é possível que o otimismo funcione através de coisas como relacionamentos sociais e outros fatores, que ajudam a proteger o organismo dos efeitos negativos do estresse, como se pode extrair dos estudos realizados por renomadas Instituições de Saúde e que são de domínio público (dentre as quais destacamos: Organização Pan-Americana da Saúde, Oxford Academic, National Center for Biotechnology Information, Guardian Direct, Federação Brasileira de Hospitais).

Não é de espantar que as pessoas busquem otimismo, ao ponto de surgir um mercado voltado para cultivar o sentimento. O grande número de coaches vendendo cursos para indivíduos que desejam melhorar seu ‘mindset’ (em inglês, quer dizer mentalidade) atesta essa tendência.

Foi com o psicólogo americano Robert Plutchik que em 1980, com sua obra *Emotion: A Psychoevolutionary Synthesis*, que surgiu a Teoria Psicoevolucionária Integrativa das Emoções, como uma das mais influentes abordagens classificatórias para respostas emocionais em geral.

Plutchik considera que existem oito emoções primárias: alegria, tristeza, antecipação, surpresa, irritação, medo, confiança e nojo. Plutchik propôs que estas emoções "básicas" são biologicamente primitivas e que evoluíram a fim de incrementar a aptidão reprodutiva animal. O criador da Teoria Psicoevolucionária das Emoções defende a primazia destas emoções demonstrando que cada uma delas dispara um comportamento que é de alto valor para a sobrevivência.

Robert Plutchik também criou uma roda de emoções para ilustrar sua teoria com uma imagem. Plutchik propôs seu modelo em forma de cone (3D) ou o modelo de roda (2D), em 1980, na obra escrita junto com Henry Kellerman, intitulada *Theories of Emotion*, pretendendo descrever, com recursos gráficos e digitais, como as emoções estavam relacionadas. É nesta descrição que se apresenta a emoção Otimismo como sendo derivada da relação entre duas emoções básicas, que são a "emoção Antecipação" e a "emoção Alegria".

A Teoria de Plutchik claramente desconsidera o nível relacional e interativo na constituição originária das emoções, o que especialmente no caso do Otimismo merece melhor enquadramento do ponto de vista social, pois esta não somente depende diretamente da aprendizagem para lhe dizer em relação a que ser otimista, quanto possui um alto teor de força motivadora para o engajamento em ações sociais ou coletivamente coordenadas como veremos a seguir.

Capítulo III

O Otimismo como Fenômeno Sociológico

Enquanto fenômeno social ou sociológico, o otimismo pode ser identificado nas teorias evolucionistas da antropologia, da história, da política e da técnica. Nelas, o otimismo se torna uma cosmovisão que advoga que a ciência e a tecnologia resolverão todos os problemas da humanidade e criarão um mundo de abundância infinita para todos.

É possível observar o otimismo como fenômeno social primeiramente no Iluminismo que promoveu a ideia de que a razão humana traria o progresso capaz de não só promover desenvolvimento das ciências e tecnologias, mas também dos direitos humanos, valores democráticos de igualdade e liberdade, além do pensamento crítico questionador de autoridades tradicionais e religiosas. Surgiu então uma esperança depositada na luz da razão humana, que permanece até os dias de hoje.

Mas o Iluminismo também trouxe sérios problemas, tais como: Colonialismo e Eurocentrismo: Muitos dos pensadores iluministas eram eurocêntricos e propagavam ideias de superioridade cultural e racial. Isso contribuiu para a justificção do colonialismo europeu e para a exploração de outros povos, minando a universalidade dos ideais iluministas de liberdade e igualdade.

Desigualdade social e exclusão também apareceram no céu iluminista, pois apesar de defenderem ideais de igualdade e liberdade, muitos pensadores iluministas mantinham visões elitistas e limitadas sobre quem merecia esses direitos. Os trabalhadores foram frequentemente excluídos dos benefícios do iluminismo, perpetuando desigualdades sociais e estruturais.

Imperialismo cultural e declínio espiritual foram outros fatores que acompanharam o projeto iluminista de poder: Por conta da pretensão de uma razão universalista, o iluminismo serviu de pretexto para países exportarem sua cultura por serem superiores a outras nações, especialmente fundamentado na ideia otimista do progresso ('estamos explorando estes países, sim. Mas também os estamos guiando rumo ao progresso'). Críticos como Weber argumentam que o foco excessivo na razão e na ciência no Iluminismo levou a um desencantamento com o mundo, declínio espiritual e moral na sociedade. Além disso, o movimento foi associado a uma visão utilitarista da natureza humana, que pode ter contribuído para a alienação e para a perda de experiência tradicionais.

Apesar dos desafios e críticas, o legado do Iluminismo continuou a influenciar muitos aspectos da sociedade moderna, incluindo o desenvolvimento de democracias liberais do ocidente.

Vários pensadores da modernidade clássica cultivaram o otimismo do progresso em suas teses, incluindo Durkheim, Marx e Kant, que formularam um conjunto de ideias que retratam os tempos modernos acreditando na possibilidade de se edificar uma sociedade harmoniosa e solidária.

A começar por Kant, que é conhecido como um dos mais importantes filósofos do iluminismo, o qual "define apropriadamente o significado filosófico, político, espiritual, religioso, cultural e histórico do espírito de sua época – o mundo moderno" (CARVALHO. 2009. p, 13). Ele acredita na existência de um fio condutor teleológico, uma natureza que regulariza as ações humanas, tornando possível o ser humano construir uma sociedade perfeita e universal, bastando ter a educação ética apropriada.

Kant, em sua obra *Sobre a pedagogia*, ressalta a importância da disciplina, argumentando que enquanto os animais são guiados principalmente por instintos naturais, os seres humanos têm a capacidade de desenvolver-se conscientemente, através da instrução, para alcançar seu pleno potencial como seres racionais e morais. Assim, para Kant, a educação é um processo contínuo e multifacetado que capacita os indivíduos a viverem de acordo com sua dignidade humana e a contribuírem para o bem comum da sociedade.

"A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força[coerção] das próprias leis. Assim, as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas

para que aí se acostumem a ficar sentadas tranqüilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos (...) Assim, é preciso acostumá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão” (Kant citado por CARVALHO. 2009. p,12-3).

A disciplina tem a função puramente negativa, de podar a selvageria do ser humano, enquanto que a instrução faz a parte positiva da educação.

“É entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação”, abrindo a possibilidade “para uma futura felicidade da espécie humana”(Kant citado por CARVALHO. p,13).

É notório o otimismo presente na obra de Kant, em que a educação, isso é, o progresso não só tecnológico, mas também ético pela razão incentivada e soberana perante os afetos e instintos, tem o poder de criar uma sociedade perfeitamente harmônica.

Para Durkheim a educação também é um vetor de esperança. Na obra ‘Da divisão do trabalho social’, o sociólogo apresenta a sua visão otimista e esperançosa da modernidade. Segundo ele, a sociedade moderna se diferencia da tradicional, pois esta última se traduz como um conjunto de crenças onde não há individualidade, a consciência coletiva abrange por completo a subjetividade de cada um. A chamada solidariedade mecânica típica de comunidades tradicionais se dá de modo que “o indivíduo não se pertence, é literalmente uma coisa que a sociedade dispõe” (Durkheim citado por CARVALHO. 2009. p, 82-3).

Durkheim concebia a evolução das sociedades como um processo de mudança social que envolve uma transição de formas sociais menos complexas para formas mais complexas de organização social. Ele via a evolução social como um movimento em direção a uma maior complexidade e diferenciação humana.

Ele argumentava que, com o tempo, as sociedades passam por um processo de industrialização, urbanização e diferenciação social através da divisão do trabalho. Isso leva ao surgimento da solidariedade orgânica, na qual a coesão social é alcançada pela interdependência subjetiva e pela divisão do trabalho. Nas sociedades modernas, os indivíduos desempenham uma variedade de funções especializadas, e a integração social ocorre através da interação e cooperação entre diferentes partes da sociedade.

A diversidade entre as personalidades dos indivíduos beneficia a solidariedade orgânica, mas para funcionar ela precisa de um equilíbrio entre moral, ciência e educação. A harmonia entre elas pode ser promovida pela sociologia, enquanto ciência da vida social.

Tal como na antropologia funcionalista, há uma constante comparação entre a organização da sociedade e a divisão de funções por órgãos de um corpo. A divisão social do trabalho é uma construção humana, que segundo Durkheim, é uma das bases fundamentais da ordem social.

“A sociologia (...) pode fornecer-nos o que mais instantemente temos necessidade: um corpo de idéias diretrizes que sejam a alma de nosso labor, e que o sustentem, dêem nítida significação à nossa atividade e nos prendam a ela. Tal condição é indispensável à proficuidade de toda e qualquer ação educativa” (Durkheim citado por CARVALHO. 2009. p, 91).

Em resumo, há um otimismo baseado na divisão do trabalho, por um ideal pedagógico formulado pela sociologia.

Em contraste com Kant e Durkheim, no Manifesto Comunista, Marx já deixa explícito sua visão sobre harmonia social: ela nada mais é na verdade do que resultado de uma tensão constante e errática: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes”. Independente da época; Grécia antiga, Roma, ou feudalismo, o conflito entre oprimidos e opressores é a lei que conduz toda a história humana. A modernidade é o período que esse conflito se torna ainda mais acirrado, entre os donos dos meios de produção e aqueles que só dispõem de sua força de trabalho.

Sendo assim, a história da modernidade é a história do trabalho organizado pela burguesia, numa sociedade onde as velhas relações feudais de vínculo à terra, religiosidade, relações familiares, o ‘entusiasmo cavalheiresco’ são todos substituídos pelo frio cálculo egoísta.

Mas mesmo dentro da visão pesada dos horrores do capitalismo, Marx encontra uma fonte de otimismo na própria filosofia histórica do materialismo dialético. Para Marx, portanto, se o capitalismo foi uma evolução do feudalismo, este por sua vez conduzirá inevitavelmente pela revolução ao socialismo. Pondo fé na ciência, que criará o socialismo científico, capaz de emancipar o ser humano da exploração, torná-lo

autônomo, intelectual e trabalhador ao mesmo tempo. Os homens e mulheres serão livres, como resultado da abolição da propriedade privada, devido ao esgotamento do sistema capitalista. Assim o ser humano iniciará sua verdadeira história.

Apesar das diferenças, Kant, Durkheim e Marx estão em concordância a respeito da crença numa teoria (r)evolutiva da história, a modernidade é um passo de superação da velha sociedade arcaica pastoril.

Weber por sua vez, critica a condição moderna, a começar pela racionalidade que ao invés de emancipar a humanidade apenas substituiu velhas formas de opressão por novas formas de autoritarismo, trouxe um desencantamento do mundo, despojando todos os aspectos sagrados e míticos, deixando um imenso vazio no coração da humanidade. Se por um lado, ele reconhecia os benefícios do racionalismo e da ciência para o progresso humano e o desenvolvimento da civilização, por outro lado, ele também alertava para os efeitos desencorajadores desse processo, sugerindo que a perda do sentido de maravilhamento e significado poderia levar a uma sensação de alienação na vida moderna. Esse processo ao invés de emancipar, trouxe uma nova forma de servidão. O ser humano destituído de tudo que lhe é sagrado, é reduzido à uma mercadoria, coisa.

A experiência cotidiana (*erlebnis*) é apenas uma série de lutas sem muitas expectativas. “O que é difícil para o homem moderno, e especialmente para a geração mais nova, é estar à altura da existência do trabalho cotidiano”(Apud Weber, 1982a : 176 A. B. Carvalho).

Dos sociólogos clássicos, Weber é o único que se mantém pessimista, tal como Nietzsche, e assim também o é Walter Benjamin. Todos estes parecem compartilhar da mesma opinião: o progresso tecnológico esconde um regresso na experiência humana. É, portanto, sob a desconfiança dos pensadores críticos que o Otimismo revelará, no mínimo, seu caráter ambíguo e de mais a mais seu caráter ideológico, diretamente associado à confiança ingênua e incapacitante no Progresso. Este é o ângulo ou esta é a abordagem que encontramos em Walter Benjamin e que será objeto de nossa análise a partir de agora.

Capítulo IV

Walter Benjamin, a Teoria Crítica e a Sociologia

Walter Benjamin foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão do século XX. Nascido em 1892 em Berlim, e falecido em 1940. Ele é conhecido por suas contribuições originais e interdisciplinares para diversos campos do pensamento humano.

Benjamin estudou filosofia, literatura e história da arte em universidades como a Universidade de Freiburg e a Universidade de Berna. Ele foi profundamente influenciado por filósofos como Friedrich Nietzsche e Gershom Scholem, bem como por movimentos artísticos como o surrealismo e o expressionismo.

A obra de Benjamin abrange uma ampla gama de temas, incluindo crítica literária, teoria da cultura, história, política e estética. Ele é mais conhecido por seus ensaios, que combinam uma abordagem erudita com uma sensibilidade artística e poética única. Algumas de suas obras mais famosas incluem "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica", "Teses sobre o Conceito de História" e "Iluminações".

Benjamin também foi um crítico social e político ativo, envolvendo-se em debates sobre marxismo, materialismo histórico e as transformações da sociedade moderna. Sua vida foi marcada por uma série de desafios pessoais e políticos, incluindo a ascensão do nazismo na Alemanha, que o forçou a fugir para o exílio.

Apesar de sua morte prematura em 1940, Benjamin deixou um legado duradouro no pensamento intelectual e cultural do século XX. Sua abordagem interdisciplinar, sua perspicácia crítica e sua capacidade de conectar diferentes áreas do conhecimento continuam a inspirar estudiosos e pensadores até os dias de hoje.

A Teoria Crítica, à qual ele é frequentemente associado, surgiu no âmbito da sociologia alemã, com a formação da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, sediados na Universidade de Frankfurt am Main, Alemanha.

A palavra 'Crítica' neste contexto, deriva do uso do termo crítica por Immanuel Kant em sua Crítica da Razão Pura, onde ele questiona se o próprio conhecimento é possível através da razão, ou seja a razão faz críticas a si mesma, e de Marx, na premissa de que sua obra "O Capital" , na medida em que é uma "crítica da economia política".

A teoria crítica tornou-se vital para sociologia pelo mundo por conta de algumas características importantes, que incluem a análise da sociedade moderna, as estruturas de poder e dominação no capitalismo avançado. Também a ênfase na cultura de massa e seu papel na formação da consciência e na reprodução das relações de poder (a qual interessa particularmente este trabalho voltado para sociologia das emoções e sua relação com a obra de Benjamin), além do conceito de razão instrumental.

É pela teoria crítica que se dá a análise do otimismo no pensamento e nas obras de Walter Benjamin, enquanto pensador da escola de Frankfurt, e original sociólogo. Podendo seu pensamento ser situado dentro do amplo escopo de investigação desta escola sobre a modernidade, a cultura, a história e a política. O otimismo e o pessimismo em relação à modernidade são abordados de maneira complexa e multifacetada, muitas vezes explorando esses temas em contextos específicos e relacionando-os com questões mais amplas da condição humana.

Sem a intenção de delongar na biografia do autor, é pertinente no entanto, destacar o contexto da vida de Benjamin: por ser judeu, ele tinha proximidade com estudos rabínicos, por ser militante comunista, com estudos marxistas. Por vivenciar uma época em que aflorava o nazismo em seu país, e o stalinismo na URSS, Benjamin passou a criticar o que ele identificou como uma apatia generalizada no pensamento político da época, apesar do otimismo preponderante e envolvente. Por isso, em sua visão as promessas do iluminismo estavam cada vez mais longe de se concretizarem; a evolução tecnológica e industrial apenas intensificou a exploração da classe trabalhadora e novas técnicas de destruição foram inventadas. Na política, os partidos social-democratas, bebendo de concepções evolucionistas da história, deixavam de lado o conflito de classes, para se submeterem à promessa de que a tecnologia iria emancipar os trabalhadores.

Uma das críticas mais marcantes de Benjamin é direcionada à visão otimista do progresso. Ele contesta a ideia de que a história humana segue uma trajetória linear e ascendente em direção ao progresso e à melhoria. Em vez disso, Benjamin (assim como Marx) argumenta que a história é marcada por rupturas, catástrofes e contradições, e que o otimismo ingênuo em relação ao progresso pode levar à complacência e à aceitação acrítica das injustiças e opressões do presente.

Mas apesar de sua crítica ao otimismo no qual ele chama de ingênuo ou inconsciente, Benjamin também expressa um interesse pela ideia de redenção e esperança, que ele desenvolve em sua análise do conceito de História (BARROS, 2020. p 107-119).

Walter Benjamin sugere que a história não é simplesmente uma sucessão de eventos sem sentido, mas sim um campo de possibilidades latentes que podem ser resgatadas e transformadas por meio de ações humanas, daí a importância das Teses sobre a história. Essa visão mais sutil da esperança é frequentemente associada ao conceito benjaminiano de "messianismo", que envolve uma ruptura radical com o conformismo em direção a um futuro emancipatório (LÖWY. 1990. p, 203-213).

Em resumo, a análise do otimismo no pensamento de Walter Benjamin é caracterizada por uma postura crítica em relação ao otimismo simplista e ingênuo, ao mesmo tempo em que reconhece a persistência da esperança e da possibilidade de redenção. Suas reflexões se dão em meio de uma abordagem única e multifacetada da modernidade e da condição humana, marcada por uma profunda sensibilidade histórica, cultural e política.

É com o propósito de resgatar elementos críticos que constituem a abordagem do otimismo, caracterizado como conformista, por Benjamin que se dá a leitura comentada de suas Teses sobre história como passo seguinte desta pesquisa.

Capítulo V

O Otimismo sem Consciência e sua Crítica em Walter Benjamin.

Walter Benjamin conceituou o que ele chamou de 'Otimismo sem consciência' em sua obra Teses sobre a História, onde trata do sentimento a respeito da evolução tecnológica, da política e da história.

É recorrente em sua obra a afirmação de que não é possível se manter otimista sem um grau de ingenuidade ou sem consciência do que a realidade tem mostrado sobre esses três aspectos do progresso civilizacional. Principalmente quando se depara com o uso bélico da energia nuclear, a insegurança alimentar em paralelo com o avanço de técnicas agrícolas, pobreza em sociedades prósperas de livre-mercado.

Em contraste com o otimismo sem consciência, será abordado o que o autor chamou de 'pessimismo organizado', revelado pelo 'despertar'.

No ritmo da produção capitalista, onde o trabalho mecânico do operário se adapta ao ritmo repetitivo da máquina, a consciência reage a pequenos choques que se sucedem em movimentos musculares, esta temporalidade convulsiva não permite a necessária reflexão e automatiza gestos e crenças e até emoções como o otimismo. Como comenta Benjamin:

“na esfera da vida cotidiana, o choque se impôs como uma realidade onipresente. O indivíduo está diariamente exposto aos choques da multidão, na qual tem que abrir seu caminho, com gestos convulsivos, como um esgrimista, distribuindo estocadas, como choques, sem os quais a cidade não seria transitável” (Benjamin citado por ROUANET. 1990. p 46)

A condição moderna segundo Benjamin e tantos outros, em especial Weber, se caracteriza principalmente pela grande evolução tecnológica, e ao mesmo tempo pela decadência da experiência comunitária. O individualismo cresceu em detrimento de laços culturais, que encolheram ao ponto de muitos pensadores românticos sugerirem um novo tipo de barbárie (uma vez que o termo 'bárbaro' diz respeito precisamente a um indivíduo desprovido de cultura ou civilização).

Atento a essa tendência, inserido na luta contra o fascismo alemão, Walter Benjamin analisa o trajeto histórico que trouxe a humanidade até este período, então testemunhado pelo autor.

Valendo-se do romantismo, do marxismo e da psicanálise, surgem alguns conceitos de sua obra que merecem atenção. A obra de Walter Benjamin pode ser associada à sociologia das emoções, por que são trabalhados por ele elementos da psique humana sob as circunstâncias da sociedade. Em específico na sociedade moderna e capitalista onde se destaca a maneira como o consumismo, o trabalho industrial repetitivo e a decadência das instituições religiosas convivem, produzindo um novo complexo tipo de experiência que ele define com o termo “*Erfahrung*” é relacionado à memória individual integrada com a coletiva, ao inconsciente e à tradição é substituída pela vivência (*Erlebnis*) relacionada com a existência singular privada, a solidão, a percepção consciente. Como comenta Katia Muricy, para Benjamin “nas sociedades modernas, o declínio da experiência (*Erfahrung*) corresponde a uma intensificação da vivência (*Erlebnis*)”. (MURICY. 1998. p, 184).

A perda da (*Erfahrung*) experiência da tradição cultural, torna a (*Erlebnis*) experiência de vida individual uma série de acontecimentos desconexos, vazios de significado. Essa é a condição da vida moderna – uma grande degradação da experiência, consequência do desencanto do mundo.

O conceito *Erfahrung* não é muito diferente do que Freud descreve como o sentimento oceânico, um dos alicerces da experiência religiosa. Isso equivale a sensação de pertencimento ao universo e mais fortemente sentido nas comunidades tradicionais onde prevaleciam as narrativas e compartilhamento pela tradição oral, onde havia, portanto, um sentido comum compartilhável que se perdeu na modernidade e na fragmentação da vida dos seres humanos e em sua padronização artificial e industrial.

Na obra *Teses sobre o conceito de história* o otimismo em relação ao progresso é abordado diretamente, isto é, a concepção evolucionista da história pertencente a várias teorias da história é confrontada criticamente.

Para esta análise da concepção de história, o Otimismo é ingênuo, por lhe faltar uma esclarecida e crítica consciência da história, e isto pode significar, inicialmente, acreditar nos historiadores como se eles fossem cientistas neutros e objetivos.

A crítica pode começar, conforme Michel Löwy comenta sobre a Tese 6, a partir da rejeição à pretensão neutra do historiador: apenas relatar os fatos históricos é correr o

risco de automaticamente relatar a visão dos vencedores/opressores (reis, imperadores de todas as épocas) como única versão da história e desse modo naturalizar a visão confortável e preguiçosa da história como “progresso” constante. Isto, entretanto, é perigoso para o sujeito histórico (classe trabalhadora, e também pretendo bom historiador), pois é estando conscientes do perigo que tanto o historiador como o revolucionário devem fazer valer a presença de seu próprio espírito, antes que seja tarde, ou que a ordem infernal se perpetue. Como afirma Löwy, parafraseando o próprio Benjamin:

“O perigo é duplo: transformar o destino dos oprimidos na sina das classes dominadas no presente. E esquecer ou manipular a história dos vencidos no passado. Não se trata apenas do passado, pois o inimigo nunca parou de vencer. (pacto germano-soviético, derrota da Espanha republicana, III Reich ocupando a europa, fascismo). A falsificação do passado transforma as massas em agentes opressores. (O Messias não vem somente como redentor, mas também como combatente do Anticristo). O III Reich parodia o socialismo como o Anticristo parodia a promessa messiânica”. (LÖWY, 2005. p 66)

Por acreditar na neutralidade dos historiadores, a consciência da história se transforma em ingenuidade e torna o sujeito histórico, a classe proletária, um objeto manipulável e entregue credulamente ao destino sugerido pela narrativa, embalando sua expectativa antecipadora e sua disposição alegre para acolher o futuro na forma do seu Otimismo. Sendo assim, para Benjamin o Otimismo deve ser visto desde o início sob a ótica da desconfiança e da convicção de que “é preciso arrancar a tradição ao conformismo que quer apoderar-se dela” (BENJAMIN. 1993. p, 224).

Na Tese 7 Walter Benjamin trata da metodologia ou da epistemologia da história que sustenta o Otimismo: “esquecer tudo o que sabe (das eras posteriores aos fatos narrados)” e “estabelecer uma relação de empatia” (BENJAMIN. 1993. p, 225); esta empatia só pode ser com o vencedor de quem se herda o domínio da história. E, por isso, não muito a frente conclui explicando:

“Os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes... e espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão... pois todos os bens culturais... têm uma origem sobre a qual não se pode refletir sem horror... (eles) devem sua existência não só aos gênios que os criaram, mas à corvéia anônima dos seus contemporâneos. (Portanto) nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (BENJAMIN. 1993. p,225).

Nesta análise o historicismo neutro e apático, ainda que se auto apresentando como empático, na verdade se identifica com o opressor. Isso porque os dominantes da vez são herdeiros culturais dos outrora vencedores. “Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo um documento da barbárie”. Por isso o materialista histórico se afasta dessa transmissão cultural e sua tarefa é “escovar a história à contrapelo” (BENJAMIN. 1993. p, 225), do que resultará uma nova forma de lidar com a história e uma nova atitude promovida por uma emoção correspondente, ao invés do otimismo ingênuo um “pessimismo organizado” (BENJAMIN. 1993. p, 33) mas ainda engajado na promoção da redenção, palavra que Benjamin prefere no lugar de emancipação.

Um conceito novo é introduzido: *‘Einfühlung’*, - empatia ou literalmente “identificação afetiva”. Benjamin acusa o historicismo de empatia com os vencedores. Vencedor não no sentido de guerras ou batalhas comuns, mas no sentido de “conflitos de classes”. Na qual a classe dirigente não cessou de vencer os oprimidos, desde Spartacus à Liga Espartaquista de Rosa Luxemburgo, desde o Império Romano até Terceiro Reich hitlerista. A origem da empatia pelos vencedores está no conceito de *acedia* (termo latino que designa indolência, preguiça, apatia, melancolia da alma) a pessoa dominada pela *acedia* é facilmente influenciável, dormente como é, se submete ao cortejo dos poderosos. O melancólico é um cortesão bajulador por excelência. Segundo Benjamin, “o cortesão [...] conhece os homens e suas paixões e sabe manipulá-las. [...] Conspirando, ele muda de lado [...]. Para bem manejar as paixões humanas, ele não pode dar-se ao luxo de ter paixões.”; (BENJAMIN. 1984. p, 31).

Já o historiador conformista é o equivalente moderno do cortesão bajulador, que narra e produz em parte o cortejo triunfante dos dominadores. É contra o historicismo servil, boçal e pomposo que Benjamin se opõe, esse é o sentido de ‘escovar a história a contrapelo’. Em resumo, há dois sentidos de ‘escovar a história a contrapelo’: a) confrontar o cortejo dos vencedores do passado, b) a redenção/revolução não acontecerá graças ao curso natural das coisas, o progresso inevitável. Será necessário lutar contra a corrente. Deixada no seu fluxo, a história apenas produzirá novas guerras, novas catástrofes, novas formas de barbárie e opressão. Eis o pessimismo revolucionário. A tese 7 mostra que a alta cultura sob a forma histórica não poderia

existir sem o trabalho anônimo dos produtores diretos – escravos, camponeses ou operários, excluídos dos bens culturais, que são “documentos da barbárie” uma vez que nasceram da injustiça de classe, opressão e desigualdade. Olhar a história sob a perspectiva dos vencidos é citá-la levando em conta a derrota dos operários de 1848, o governo de Weimar. A história da cultura deve ser integrada à história da luta de classes. Isso também não significa uma guerra contra a alta cultura por um populismo cultural, pois há elementos secretamente hostis ao capitalismo nela, especialmente se atualizarmos sua leitura.

Segundo Löwy, no contexto brasileiro, escrever a história no sentido contrário significa recusar qualquer “identificação afetiva” com os heróis oficiais do V centenário, os colonizadores ibéricos, os poderosos europeus que levaram a religião, a cultura e a civilização para os índios “selvagens”. Isso significa considerar cada monumento da cultura colonial como um produto da barbárie opressora impiedosa. Cabe o questionamento se é possível ressignificar certos monumentos, como o busto de Padre Antônio Vieira, a arquitetura do Recife Antigo e outros monumentos/reíquias da colonização.

Na pequena Tese 8, Benjamin confronta o Otimismo em sua feição política, e critica seu assombro com fatos bárbaros sendo possíveis ainda no século XX, identificados com “estado de exceção”, tendo em vista que para o otimismo ‘o Progresso’ é a “norma histórica” (BENJAMIN. 1993. p, 226).

Nesta Tese há uma clara confrontação com a doutrina progressista da história, na qual supõe a constante evolução das sociedades que vão trazer mais democracia, liberdade e paz. Porém no mundo dos oprimidos a realidade a regra da história é o contrário; opressão e barbárie são as regras.

“O fascismo se beneficia da visão iludida do progresso presente em seus adversários, sendo interpretado como um movimento reacionário, ou ainda seria derrotado pelo inevitável esclarecimento das forças populares operárias. Somente uma concepção sem ilusões progressistas pode enfrentar o fascismo enquanto ideologia”.(BENJAMIN, 1993. p, 226)

Nesta tese, Benjamin argumenta que a visão tradicional da história, que tende a glorificar os vencedores e a ignorar ou marginalizar as experiências dos oprimidos, está fundamentada em uma noção de “estado de exceção”. Ele sugere que, na realidade, o estado de opressão e injustiça é a norma histórica, e não uma aberração ocasional.

Portanto, ele defende a necessidade de uma concepção de história que reconheça e dê voz à tradição dos oprimidos, em vez de simplesmente seguir a narrativa dos vencedores. Segundo Benjamin, “a tarefa é originar o verdadeiro estado de exceção” e não apenas assombrar-se com “episódios” do fascismo (BENJAMIN. 1993. p, 226). Neste caso o oposto correlato do Otimismo Ingênuo não é o Assombro, mas o Pessimismo que organiza a reação contra a barbárie.

Na mais conhecida e intrigante das Teses, a Tese 9, Benjamin apresenta o O anjo da história, tomando o quadro de Paul Klee. Neste quadro de Klee o anjo é representado como uma figura desesperada; suas asas estão esticadas, seus olhos horrorizados contemplam o passado. Assim descreve Benjamin o que se passa com o Anjo:

“onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntas os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é a tempestade”. (BENJAMIN. 1993. p, 226).

A interpretação do "Angelus Novus" de Paul Klee por Walter Benjamin é bastante rica e complexa, refletindo sua visão única da história e da condição humana, o que nos interessa diretamente aqui.

Segundo Löwy, em seu livro dedicado à análise das Teses, intitulado *Aviso de incêndio*, Benjamin descreve o anjo como testemunha dos eventos históricos, incapaz de intervir ou alterar o curso dos acontecimentos. Ele está preso em uma posição de contemplação, enquanto o vento do progresso o empurra para frente, obrigando-o a encarar o futuro inevitável. Além disso, o anjo é retratado como angustiado e impotente diante da torrente de eventos catastróficos que se desdobram diante de seus olhos, simbolizando a acumulação de tragédias e injustiças ao longo do tempo (Löwy. 2005. p, 83-95).

O papel do historiador, e do ser humano em geral (esclarecido), é semelhante ao do anjo da história: testemunhar os eventos do passado e interpretá-los de forma crítica. Ele destaca a importância de adotar uma perspectiva não linear da história, que reconheça os momentos de ruptura, descontinuidade e sofrimento, em oposição à

narrativa progressista tradicional que harmoniza e amortece o impacto da realidade, mas ao mesmo a envolve numa nuvem de idealizações e ilusões, o que explica ser esta visão da história a principal fonte do “otimismo sem consciência”, que poderíamos dizer que é otimismo “sem consciência real da história”.

Apesar da visão sombria da história apresentada pelo "Angelus Novus", Benjamin sugere que há espaço para a redenção e a esperança. Ele argumenta que é dever do historiador resgatar os momentos esquecidos e marginalizados da história e dar voz aos oprimidos, transformando o passado em uma ferramenta para a resistência e a emancipação. Sobre isso falaremos mais adiante, quando analisarmos a forma ambígua como Benjamin opõe o “pessimismo” ou a “desconfiança” ao otimismo; uma vez que a interpretação de Walter Benjamin do "Angelus Novus" de Paul Klee oferece uma metáfora poderosa e provocativa para sua visão da história como uma força impiedosa e destrutiva, mas também como um terreno fértil para a reflexão crítica e a possibilidade de transformação e redenção. Como comenta Sérgio Paulo Rouanet em seu livro *Édipo e o anjo, itinerários freudianos em Walter benjamin*, o Angelus Novus é ao mesmo tempo iconoclasta e também um salvador dedicado ao resgate da cultura, pois:

“pela cultura, o homem se perde, por que ela é ideologia e dominação; graças a ela, ele se salva, porque a cultura fornece o repertório simbólico que dá acesso à verdade e permite pensar uma ordem além da violência”.
(ROUANET. 1990. p. 171).

Porém, se olharmos estritamente através da descrição da visão do anjo veremos apenas a “catástrofe”, os “escombros que se amontoam” e a “tempestade” que sopra inelutável para o futuro, afastando do paraíso. Sobre este pilar é impossível firmar o otimismo, e talvez não seja possível estabelecer a própria saúde emocional e mental. Este claramente é um problema para uma personalidade melancólica como a de Walter Benjamin. Mas, é justamente neste desafio que a intuição genial de Benjamin se elevará para não renunciar à crítica ao otimismo ingênuo transformado em ideologia, e enfrentar o realismo pessimista sem dar de ombro com a desesperança.

Na Tese 10, Benjamin defende que um certo afastamento do mundo ou de sua interpretação corrente é não somente necessário, mas é extremamente útil para uma visão equilibrada e que escape do desespero produzido pela catástrofe iminente. Este afastamento, já conhecido na história, podemos dizer, é parte necessária tanto de um

processo de análise crítica (distanciamento metódico), como também constitui um primeiro passo de uma reconfiguração e de uma nova “leitura do livro do mundo”.

Assim diz a Tese 10:

“Os objetos que a regra monacal propunha aos monges para a meditação tinham a tarefa de torná-los avessos ao mundo e a sua agitação. O curso de pensamento que aqui perseguimos emergiu de uma determinação semelhante[...]. Partimos da consideração de que a crença obstinada desses políticos no progresso, sua confiança em sua "base de massa" e, finalmente, sua submissão servil a um aparelho incontrolável, foram três aspectos de uma única e mesma coisa”. (BENJAMIN. 1993. p, 227)

Como os monges eram encorajados a se distanciar do mundo e de sua agitação através da meditação, Benjamin sugere que o militante anti-fascista esteja engajado em um processo de reflexão que visa romper com as ideias convencionais sobre o progresso, a política e a autoridade. Semelhante a Weber, ele critica a crença ingênua no progresso, e a submissão aos sistemas de poder estabelecidos como aspectos de uma mesma mentalidade que leva à perpetuação da injustiça e da opressão. A vida monástica medieval tratava-se não apenas da religiosidade do monge, mas tinha também um propósito civilizacional, os mosteiros eram grandes centros de cultura. A atitude do intelectual militante, e do ser humano esclarecido, não deve ser muito diferente para Benjamin - a crítica da cultura segue o propósito de provocar e despertar a sociedade para o rumo que toma, e seus desdobramentos.

A necessidade de sentido e de esperança não devem desarmar o espírito diante da apropriação ideológica do otimismo pelos que dominam a humanidade. Um primeiro passo de distanciamento crítico e de acolhimento de outras visões possíveis iniciará um processo necessário de libertação, é isto o que podemos extrair da Tese 10, sem fazer nenhuma violência ao texto ao associá-lo à crítica do otimismo.

É, todavia, na Tese 11, que o Otimismo recebe seus sinônimos. Nesta Tese Benjamin descreve uma certa atitude do proletariado e da social democracia (evolucionista) como sendo “a crença de nadar a favor da correnteza” ou de perceber o “desenvolvimento técnico como o declive da correnteza”, a qual também se mostra através de uma “satisfação ingênua” que opõe a exploração da natureza à exploração do proletariado sem perceber que estas são simultâneas e complementares. Esta dificuldade de percepção advém de uma certa confiança e convencimento de que o

trabalho, acriticamente aceito, é “o messias do tempo presente”, e sua maior marca é a eficiência técnica, incluindo contraditoriamente a eficiência das máquinas como um êxito político no processo (evolutivo) que traria o socialismo. Segundo Benjamin, “nada mais do que isto enfraqueceu e corrompeu o proletariado”, retirando suas forças de reação e, em especial, impedindo o , enquanto classe, de enxergar a alienação no trabalho e “regressão social” que ocorria ao par com a “dominação da natureza”, entendida como “estando aí grátis” para ser explorada. Este conjunto articulado de sentido transparece nesta tese em que o otimismo é diretamente associado a uma atitude tremendamente destrutiva que é o “conformismo”, da qual Benjamin ainda tratará novamente.

Assim, pode-se ler na tese 11:

“O conformismo que, desde o início, sentiu-se em casa na socialdemocracia, adere não só a sua tática política, mas também às suas ideias econômicas. Ele é uma das causas do colapso ulterior. Não há nada que tenha corrompido tanto o operariado alemão quanto a crença de que ele nadava com a correnteza. O desenvolvimento técnico parecia-lhe o declive da correnteza em cujo sentido acreditava nadar. Daí era um só passo até a ilusão de que o trabalho fabril, que se inserisse no sulco do progresso técnico, representaria um feito político. A velha moral protestante do obrar celebrava, em forma secularizada, a sua ressurreição entre os operários alemães. [...] Define o trabalho como 'a fonte de toda riqueza e de toda cultura', Pressentindo funestas consequências, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade a não ser sua força de trabalho "tem que ser escravo dos outros homens que (...) se fizeram proprietários. " Malgrado essa advertência, a confusão continua a difundir-se e, pouco depois, Joseph Dietzgen proclama: "Trabalho chama-se o salvador dos tempos recentes... No aperfeiçoamento (...) do trabalho consiste a riqueza, que pode, agora, consumir o que nenhum redentor até hoje consumiu. "Esse conceito marxista vulgar do que é o trabalho não se detém muito na questão de como os trabalhadores tiram proveito do seu produto enquanto dele não podem dispor. Esse conceito só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade. Ele já mostra os traços tecnocráticos que serão encontrados, mais tarde, no fascismo. A esses pertence um conceito de natureza que, de maneira prenunciadora de sinistros, se destaca do conceito de natureza das utopias socialistas do Pre-Março [de 1848]. O trabalho, como será compreendido a partir de então, se resume na exploração da natureza, que é, assim, com satisfação ingênua, contraposta a exploração do proletariado. Comparadas com essa concepção positivista, as fabulações de um Fourier, que deram tanta margem para escarnecê-lo, revelam o seu surpreendente bom senso. [...] A esse conceito corrompido de trabalho pertence, como seu complemento, a natureza que, segundo a expressão de Dietzgen, "está ai grátis". (BENJAMIN. 1993. p, 227-8)

Lowy interpreta a Tese 11 como uma acertada crítica de Benjamin à predisposição apática dos sociais democratas em se manter otimista com o progresso técnico do capitalismo. Os movimentos operários foram derrotados pela ascensão fascista de Hitler em função da sua prostração à ideologia do trabalho protestante, já descrito por Weber como forma ética em perfeita sinergia com o espírito do capitalismo. O culto à indústria e ao trabalho – que é ao mesmo tempo culto ao progresso, ignora a energia destruidora da técnica, em particular a militar, mas também a predação da natureza. Isso por que a ordem social, o caráter humano, não acompanhou o salto evolutivo da tecnologia, a despeito do que alguns pensavam na época, como o socialista criminologista italiano Enrico Ferri que dizia: “O socialismo é uma fase natural e espontânea e, conseqüentemente, inevitável e irrevogável, da evolução humana” (Löwy. 2005. p, 100-7).

Como fica claro na Tese 12, não é o Otimismo, esta alegre antecipação do futuro, que enxerga como real “o ideal dos descendentes libertos”, que incrementa o poder do proletariado para, como “classe oprimida”, exercer o seu papel de “redentora” e “vingadora” das “gerações de derrotados”; ao contrário, seu “melhor tendão” é aquele que a liga enquanto classe proletária aos ancestrais escravizados.

Aqui, na Tese 11, o Otimismo da visão dos “descendentes libertos” (pelo progresso da história) está diretamente associado a uma desaprendizagem de sentimentos essenciais à sua reação histórica ou revolucionário que são “o ódio” em relação à opressão e “a vontade de sacrifício” em prol da causa libertária. Por isso, ressoam tão harmoniosamente nesta Tese as vozes de Nietzsche e Marx, quando começando com uma epígrafes escreve Benjamin:

"(Tese 12) 'Precisamos da história, mas precisamos dela de outra maneira que o mimado caminhante ocioso no jardim do saber'. (Nietzsche, 1873, Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida).

“O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida, a classe combatente. Em Marx ela se apresenta como a última classe escravizada, a classe vingadora que, em nome de gerações de derrotados, leva a termo a obra de libertação. Essa consciência que, por pouco tempo, se fez valer ainda uma vez no "Spartacus", desde sempre escandalizou a socialdemocracia. [...] Ela teve prazer em atribuir a classe trabalhadora o papel de redentora das gerações futuras, com isso ela lhe cortou o tendão da melhor força. Nessa escola a classe trabalhadora

desaprendeu tanto o ódio quanto a vontade de sacrifício. Pois ambos se nutrem da visão dos ancestrais escravizados, e não do ideal dos descendentes libertados”. (BENJAMIN. 1993. p, 228-9).

Segundo Michael Lowy, a intenção de Benjamin é sugerir que a história deve ser uma força viva e dinâmica em nossas vidas, capaz de inspirar a classe oprimida, torná-la apta para desafiar e a agir na política (Löwy, 2005. p, 108). O que só pode acontecer desafiando e contrariando o otimismo sem consciência que se alimenta do “ideal dos descendentes libertos”.

O Otimismo sem consciência em relação à história tem por base uma ideia do tempo como “homogêneo e vazio”, o que quer dizer que o Otimismo advém de uma compreensão da história em que esta é um fluxo vazio e idêntico a si mesmo (ou quantitativo); nesta perspectiva os fatos não representam rupturas, sua cadeia é literalmente progressiva, funcionando mais no sentido de acréscimos e incrementos de novas funcionalidades ou aprimoramentos incontroláveis pela vontade humana, automáticos e, portanto, puro desígnio da ordem do tempo. Para Benjamin, esta crença é contrariada pela realidade histórica que é marcada por rupturas, mas enfrenta uma tremenda força, quase irresistível, das tradições acadêmicas responsáveis pelas narrativas oficiais e dogmáticas da história como era o caso do historicismo.

O Otimismo precisa ser confrontado com a realidade das rupturas da história para ser removido do seu conforto e assumir a condição de agente que enxerga a história como lugar da “decisão”, “momento de “oportunidades” e de tensão, que é o “tempo de agora” e não uma “marcha no interior de uma tempo vazio e homogêneo”.

Assim lemos nas Teses 13 e 14:

(Tese 13)“A teoria social democrata, e, mais ainda, a sua práxis estavam determinadas por um conceito de progresso que não se orientava pela realidade, mas que tinha uma pretensão dogmática. O progresso, tal como ele se desenhava na cabeça dos social-democratas, era, primeiro, um progresso da própria humanidade (e não somente das suas habilidades e conhecimentos). Ele era, em segundo lugar, um progresso interminável (correspondente a uma perfectibilidade infinita da humanidade). Em terceiro lugar, ele era tido como um progresso essencialmente irresistível (como percorrendo, por moto próprio, uma trajetória reta ou em espiral). Cada um desses predicados é controverso, e cada um deles oferecia flanco à crítica. Mas essa, se ela for implacável, tem de remontar muito além de todos esses predicados e dirigir-se aquilo que lhes é comum. A representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação do avanço dessa história

percorrendo um tempo homogêneo e vazio. A crítica a representação desse avanço tem de ser a base crítica da representação do progresso em geral”.

(Tese 14)“A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (Jetztzeit).Assim, a antiga Roma era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história. A Revolução Francesa compreendia-se como uma Roma retornada. Ela citava a antiga Roma exatamente como a moda cita um traje do passado. A moda tem faro para o atual, onde quer que este se mova no emaranhado do outrora. Ela é o salto do tigre em direção ao passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante comanda. O mesmo salto sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução”.(BENJAMIN. 1993. 229-230)

Portanto, se a história não é linear nem homogênea em se tratando de progresso da humanidade, não é possível confiar num processo gradual e infinito. Ele deve ser uma ruptura com a história da exploração, uma radical interrupção do capitalismo. Não existe fluxo automático de progresso. Todos os momentos de liberdade foram derivados de luta, foi a revolta dos oprimidos que trouxe sua emancipação. Foi o Otimismo em relação ao progresso,e a conseqüente passividade das esquerdas que desencadearam a vitória de Hitler sob o coração da classe operária, e sobre isto Benjamin não tinha nenhuma dúvida quando escreveu estas Teses em fuga pelos Pirineus tentando escapar da Gestapo de Hitler.

Quanto à revolução, esta não precisa ser feita descartando o passado, ela será ruptura de um contínuo que não prevê rupturas, mas ela se renova e se fortalece na busca de uma tradição de rupturas no passado que é a tradição dos oprimidos, para com a ajuda desta tradição atuar no “agora”. Lowy interpreta que o passado está contido na ‘arena’ dos opressores, com seus cortejos e toda pompa de vitorioso. Mas a tradição dos oprimidos não precisa descartar o passado, ela se renova e busca na referência deste, a inspiração para o agora. “Com a ajuda de uma concepção do tempo histórico que o percebe como “pleno”, carregado de momentos “atuais”, explosivos, subversivos” (Löwy, 2005. p,122). Desse modo, as rupturas que houveram na história; queda dos césares, revolução francesa, revolução de 1917, esses eventos de ruptura pertencem à história dos oprimidos.

Nas Teses 15 e 16 Benjamin aborda três temas muito interessantes para compreender os desdobramentos da consciência ingênua da história que embala o Otimismo. Estes temas são: a ideia de que a história é um “continuum”, a ideia de que o “presente” é sempre uma “transição” e a ideia de que o “passado” está fechado, pronto e acabado ou pertence ao “era uma vez”. A cada uma destas ideias Benjamin opõe uma crítica: A quebra dos relógios historicamente realizada pelos revolucionários na Revolução Francesa, mostrando o lugar da consciência das rupturas (também os novos calendários na história); a ideia do presente como “agora” da decisão e não como fluida transição que nos empurra para um futuro prometido ou garantido; e ideia de realçar cada instante em sua fugaz beleza e sua potência inspiradora ao invés de acreditar no conto de fadas sonolento e impotente do “era uma vez”.

Isso é o que lemos nas Teses transcritas a seguir:

“(Tese 15) A consciência de fazer explodir o continuum da história é própria das classes revolucionárias no instante de sua ação. A Grande Revolução introduziu um novo calendário. O dia com o qual começa o novo calendário funciona como um condensador de tempo histórico. E, no fundo, é o mesmo dia que retorna sempre na figura dos dias de festa, que são dias da rememoração. Os calendários, portanto, não contam o tempo como relógios. Eles são monumentos de uma consciência da história da qual, há cem anos, parece não haver na Europa os mínimos vestígios. Ainda na Revolução de julho ocorreu um incidente em que essa consciência se fez valer. Chegado o anoitecer do primeiro dia de luta, ocorreu que em vários pontos de Paris, ao mesmo tempo e sem prévio acerto, dispararam-se tiros contra os relógios das torres”.

(Tese 16) “O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e ficou imóvel (Stillstand). Pois esse conceito define exatamente o presente em que ele escreve história para si mesmo. O historicismo arma a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única. Ele deixa os outros se desgastarem com a prostituta “era uma vez” do prostíbulo do Historicismo. Ele permanece senhor de suas forças: viril o bastante para fazer explodir o contínuo da história”. (BENJAMIN. 1993. p, 230-231).

Mais uma vez recorremos ao arguto comentário de Michel Löwy (2005. p. 125) que também destaca a importância dos calendários dada por esta Tese. Os feriados cumprem o papel de lembrar acontecimentos redentores - dia do trabalhador, dia da mulher, dia da consciência negra. São datas para manter aceso o despertar da sociedade. No caso do relógio, que divide o dia em 24 partes meramente quantitativas,

ele é fruto da concepção de tempo vazia, desprovida de significado, típico de uma sociedade industrial.

Segundo Löwy, a alegoria do “prostíbulo do Historicismo” refere-se à linearidade da história, escrita pelos vencedores. “Era uma vez Napoleão” ou qualquer outro que se seguiu, no cortejo contínuo. Mas o historiador adepto do materialismo histórico se interessa por outra coisa: o momento de agora, comparado com um instante do passado, no qual há similaridades apesar de tão distante tempo. Löwy destaca as revoltas camponesas do século 17, a revolta de escravizados no Egito (Löwy, 2005. p.124). A tensão entre oprimidos e opressores que se descarrega em revoluções por toda história humana até então é uma fonte de esperança, força e potência para transformar a história.

As *Teses sobre o conceito de história* são, portanto, uma crítica da cultura, embasada na sociologia clássica, nos ensaios da psicanálise freudiana, e nas leituras teológicas de um messianismo que se mantém vivo tanto na tradição religiosa quanto nas concepções seculares de uma sociedade que mudou muito em pouquíssimo tempo. No seu interior percebemos e reconstruímos uma crítica do Otimismo que entendemos poder constituir uma contribuição de Walter Benjamin a uma análise sociológica de uma emoção frequentemente referida pelos membros das sociedades modernas e até pelos historiadores quando opõem a modernidade otimista ou progressista ao medievo pessimista ou predestinado pela providência.

A análise de Benjamin sobre a modernidade, tal como as de Weber e Durkheim, a observa destituída de sua experiência tradicional (*Erfahrung*), carecendo de senso de pertencimento ou de sentimento comunitário, tornando a experiência cotidiana (*Erlebnis*) dos indivíduos desprovida de sentido e de propósito existencial. Mais do que pertencimento, a memória de um povo está contida na experiência da tradição. Numa sociedade tradicional, a memória individual e coletiva se fundem, na moderna há uma evidente erosão da tradição. O choque dessa atual condição moderna ainda está se desdobrando em consequências inéditas para as sociedades e para as pessoas.

Há na obra de Benjamin alguns cruzamentos com a psicanálise de Freud, tais como o mito fundador da cultura, a horda *primerva*. Sergio Paulo Rouanet sugere que o Anjo da tese 9 está sempre cruzando com Édipo Rei uma vez que é Édipo a figura fundadora

da cultura, de acordo com a obra Totem e Tabu. A cultura é tanto fruto de uma tragédia que assombra os indivíduos, como também é ela que permite a identificação coletiva. No comentário de Sérgio Paulo Rouanet bem conseguimos encontrar Freud, em sintonia com O Fausto de Goethe, dizendo “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”. (ROUANET. 1990. p, 165-174).

Capítulo V

A Tarefa Revolucionária: Organizar o Pessimismo

Walter Benjamin contribuiu para a sociologia das emoções, na medida em que através da sua linguagem poética e análise crítica da história, insistentemente aborda uma emoção específica que é o Otimismo, e como ela moldou e ainda influencia a (meta)política. Cabe lembrar que não é uma crítica ao otimismo em si, mas ao Otimismo ingênuo, que se torna instrumento de dominação direcionado para os oprimidos na sociedade. Em contrapartida, como é consenso entre os comentadores da obra de Walter Benjamin, nele se manifesta um certo Pessimismo em relação à história e ao progresso da humanidade, o qual não é cultivado por Benjamin por uma mera melancolia ou indisposição para agir, pelo contrário representa seu esforço de reestruturação das condições do sujeito histórico habilitando-o para ação transformadora ou libertária.

Manter-se pessimista em relação ao progresso da técnica e do capitalismo, para ele Benjamin é contemplar o passado catastrófico das invenções químicas, para propósitos bélicos (tais como os gases industriais que gerou o refinamento da barbárie pela guerra de gases). A mesma postura pode ser válida hoje em relação aos avanços com tecnologia IA, controle de centrais de informações, domínio de dados privados de todos os cidadãos.

Atribuído a Gramsci a autoria da célebre frase: "pessimismo da inteligência, otimismo da vontade". Talvez seja correto dizer que W. Benjamin e tantos outros contemporâneos se situam em sintonia com essa ideia.

Mesmo considerando a Crítica do Otimismo como uma contribuição do pensamento sociológico de Benjamin para a sociologia das emoções, aqui iremos avançar para melhor realçar esta contribuição apresentando a proposta militante/interveniente de uma "organização do pessimismo", como forma de dialetizar o otimismo, fazendo com que este sirva realmente à emancipação social sem camuflar a barbárie da manipulação emocional do progresso a todo custo, traduzido na ideia do otimismo sem consciência ou ingênuo. A organização do Pessimismo é proposta por Benjamin no seu ensaio sobre o surrealismo, intitulado: *O surrealismo, o último instantâneo da inteligência europeia*.

Enquanto força para "organizar o pessimismo", esta sugere uma postura crítica e ativa diante das injustiças e desigualdades do mundo, "organizar o despertar", poderia

ser interpretado como uma chamada para uma consciência mais ampla e profunda sobre essas questões.

Isso implica não apenas reconhecer e entender as injustiças, mas também em despertar para uma compreensão mais profunda de suas causas e implicações. É uma convocação para uma maior conscientização sobre as estruturas de poder, as relações sociais e as dinâmicas culturais que moldam nossa existência.

“Trata-se aqui de um pessimismo revolucionário que não tem nada a ver com a resignação fatalista, e ainda menos com a variante reacionária e préfascista do pessimismo cultural, porque está a serviço da emancipação das classes oprimidas. Sua preocupação não é o “declínio” das elites, ou da nação, mas as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade”. (LÖWY. 2021. p, 35)

O pessimismo é constante, mas também ele também é ambíguo: ele traz consigo uma esperança em que se há uma barbarização na sociedade moderna, então que o “novo bárbaro” seja capaz de buscar nos destroços da antiga cultura elementos para que possa reconstruir uma nova civilização, capaz de redimir as vítimas do passado. Essa é a tarefa do anjo da história, essa é também a tarefa do sociólogo comprometido com o destino da sociedade.

Conclusão:
Por uma Contribuição de Walter Benjamin para uma
Sociologia das Emoções

Talvez ninguém estranhe que Walter Benjamin tenha uma contribuição para a Sociologia das Emoções, tendo em vista o caráter multifacetado de sua produção e as virtudes interdisciplinares de suas análises. Apesar disso, entendemos que propor uma tal contribuição representa um certo destemor acadêmico, tendo em vista os esforços que seriam necessários para concluir com êxito tal demonstração.

Justamente, esta exitosa conclusão é o que reivindicamos aqui, pois pelo que pudemos reunir como argumentos e provas, julgamos ser adequado reconhecer que Walter Benjamin interessou-se por uma emoção muito difusa na sociedade moderna que é o Otimismo. Como era próprio do seu modo de escrever, utilizou-se de imagens e de diversas metáforas para descrever esta emoção, mas findou mesmo criando um bem articulado percurso analítico especialmente demonstrado em sua obra intitulada *Teses sobre o conceito de história*.

A estruturação crítica de sua análise é claramente notória como resultado de nossa reconstrução do seu raciocínio, o que faz com que sua interpretação do Otimismo seja uma verdadeira contribuição da Teoria Crítica para a sociologia das emoções. A forma dialética do seu pensamento nos obrigou a reconhecer a presença de um conceito correlato, que cresce à medida que a crítica do Otimismo se desenvolve, que o conceito de Pessimismo organizado ou engajado.

Assim, podemos dizer que em Walter Benjamin a Esperança para sobreviver precisou fazer a crítica do Otimismo, mas teve de se reinventar tomando as feições de um pessimismo organizado, talvez para, como diz Terry Eagleton, transformar-se em “esperança sem otimismo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Marcos André de. 2020. **O século do fim da história: Estudos sobre o conceito de história no pensamento do século XX: F. Nietzsche, W. Dilthey, Walter Benjamin e J. Habermas.** Recife, NEEPD-Ufpe.

BENJAMIN, Walter. 1993. **Magia e Técnica, arte e política. Obras escolhidas. Vol.I.** São Paulo. Brasiliense.

_____. 1992. **Rua de mão única. Obras escolhidas. Vol.II.** São Paulo. Brasiliense.

_____. 1991. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas. Vol.III.** São Paulo. Brasiliense.

_____. 1984. **A origem do drama barroco alemão.** São Paulo, Editora Brasiliense.

BERNARDO, Aristides. 2016. *O Campo Da Sociologia Das Emoções: Relevância Acadêmica e Perspectivas de Análise.* **Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar.** Universidade Estadual de Maringá , Junho 2016. p. 156-173.

CARVALHO, Alonso. 2009. *O otimismo da modernidade sobre o destino do homem e a crítica weberiana.* **XII Simpósio Internacional Processo Civilizador (Anais), Unesp,** São Paulo. 10 Nov. 2009.

EAGLETON, Terry. 2023. **Esperança sem otimismo.** São Paulo. Unesp.

FREUD, Sigmund. 2011. **O Mal-Estar Na Civilização.** São Paulo. Companhia das Letras.

GARDINALI, Gaiad Marisa. 2019. **Sociologia das emoções em Eva Illouz: O Fenômeno Da Literatura de Autoajuda.** São Paulo. Unesp.

HAN, Byung-Chul. 2014. **A Sociedade do Cansaço.** Lisboa. Relógio D' Água Editores.

KIM, Eric. 2020. *Como o otimismo pode melhorar a saúde. O Estadão (Saúde & Bem-estar)*. São Paulo, 21 de fevereiro de 2020. Disponível em <<https://summitsaude.estadao.com.br/saude-humanizada/como-o-otimismo-beneficia-a-saude-fisica-e-menta>>.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro.2009. *Emoções, Sociedade e Cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV, 2009.

LÖWY, Michael. 2021. *O pessimismo revolucionário de Walter Benjamin*. *Revista de Teoria da História*. Goiania. UFG, 24 de fevereiro, 2021.p,33-37.

_____. 2002. *A filosofia da história de Walter Benjamin*. *Rev. Estudos Avançados vol. XVI (45)*. São Paulo. USP.

_____. 1990. *Romantismo e messianismo*. São Paulo. EdUSP/Ed. Perspectiva.

_____. 1989. *Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva)*. São Paulo. Companhia das Letras.

_____.2005. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio: uma leitura das Teses “sobre o conceito de história”*. São Paulo. Boitempo Editorial.

MURICY, Katia. 1998. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro. Relume Dumará.

PLUTCHIK, Robert.1980. *Emotion, a psychoevolutionary synthesis*. New York. Harpercollins College Div.

PLUTCHIK, Robert.; Kellerman, Henry. 1980. *Theories of emotion*. New York: Academic Press.

ROUANET, Sérgio Paulo.1990. *Édipo e o Anjo.Itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro.

_____. 1989. *As razões do iluminismo*. São Paulo. Companhia das Letras.

SILVEIRA, Emerson.2009. *Sociologia das emoções: o sentimento como fenômeno resultante de processos sociais*. *Revista Sociologia Ciência & Vida*, São Paulo, ano III, número 23, 2009, p.18-27.

TORRES, Marieze Rosa. "***O Que é Sociologia Das Emoções?***" disponível em Janeiro de 2024, sociologiadasesemoco.es.blogspot.com/p/filmes.html.